

A RETÓRICA COMO PRINCÍPIO DO INTELLECTO E DA LINGUAGEM EM TOMÁS DE AQUINO

Rhetoric as Principles of Intellect and Language in Tomas of Aquinas

Prof. Dra. Terezinha Oliveira (UEM-GTSEAM)¹
Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>
E-mail: teleoliv@gmail.com

Recebido em: 16/07/2020

Aprovado em: 09/09/2020

Resumo : O objetivo deste artigo é analisar o sentido da retórica na concepção de Tomás de Aquino (1224/25-1274). É preciso destacar que a retórica nesse autor está diretamente vinculada ao uso que os homens fazem da palavra, por conseguinte, da linguagem. Nossas formulações partem do princípio que o frade dominicano analisa a linguagem a partir dos seus dois lugares de discurso, como pregador e como mestre universitário. Para elaborar nossas considerações elegemos dois escritos do mestre Dominicano. O primeiro é a obra *Comentário sobre a interpretação de Aristóteles* e o segundo são duas Questões da *Suma Teológica*: Questões 176 e 177 – II^a-II^{ae}. Evidenciamos que, para esse autor, nos homens, a linguagem está associada à sua condição intelectual.

Palavras-chave: Linguagem. Tomás de Aquino. Conhecimento.

Abstract : The purpose of this article is to analyze the meaning of rhetoric in the conception of Thomas of Aquinas (1224/25-1274). It should be noted that rhetoric in this author is directly connected to the use that men make of the word, therefore, of language. Our formulations start from the principle that the Dominican friar analyzes language from his two places of discourse, as a preacher and as a university master. In order to elaborate our considerations we have chosen two writings from the Dominican master. First, the work *Commentary on Aristotle's On Interpretation*. Secondly, two Questions from the *Summa Theologiae*: *Quaestiones 176 and 177 – IIa-IIae*. We show that, for this author, language is associated with man's intellectual condition.

Keywords: Language. Thomas of Aquinas. Knowledge.

“[...] as coisas que estão na voz são notas das paixões que estão na alma, e as que são escritas são [sinais] das que estão na voz” (ARISTÓTELES, L. 2, c. 1 [16a]).

Introdução

O objetivo deste texto é refletir sobre a relevância da retórica nos escritos do mestre Tomás de Aquino (1224/25-1274). Salientamos, de início, que essa tarefa não é fácil, pois estamos nos referindo a um dos maiores autores da cristandade latina e, sem dúvida, um dos maiores escolásticos do século XIII (GRABMANN, 1992; TORREL, 2004; GILSON, 2005; OLIVEIRA, 2005; LE GOFF, 2008). Todavia, ainda que a tarefa seja, no mínimo, complexa, consideramos relevante refletir sobre o sentido da voz, da palavra, da linguagem e da escrita a partir de formulações do mestre Dominicano.

Ao lermos seus escritos, de imediato, depreendemos que se trata de alguém que teve um cuidado muito grande com as palavras porque, como pregador e mestre universitário, pretendia que todos que o lessem ou o ouvissem compreendessem, verdadeiramente, o que ele pretendia expressar.

Em suas *Suma de Teologia* e *Suma Contra os Gentios*, esse zelo com o discurso fica evidenciado. Mencionamos essas duas obras porque são universalmente conhecidas e nelas temos explicitado o modelo da escrita, própria da escolástica que, efetivamente, é um dos exemplos mais acabados da retórica tomasiana. É preciso destacar, também, que, particularmente na *Suma de Teologia*, a forma como Tomás de Aquino escreve seguiria, a nosso ver, o princípio posto por Aristóteles, o de que não há nenhuma ideia que não se possa ter duas visões sobre ela, ou seja, “E porque é assim, tudo o que se afirma pode ser negado, e tudo o que se nega pode ser afirmado; [...]” (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 115)². Ao sistematizar suas ideias segundo os princípios do seu tempo e preocupar-se com o entendimento que as pessoas teriam das suas formulações, o mestre de Aquino apresenta sempre as posições favoráveis e contrárias a uma sentença para, somente após um debate, emitir as suas posições. Essa característica da escrita escolástica em Tomás de Aquino evidencia dois aspectos essenciais da retórica: a erudição e o respeito à ideia do outro.

Com efeito, para bem falar e expressar as ideias que o mestre Dominicano pretendia que as pessoas, especialmente seus alunos, compreendessem, seria preciso o conhecimento das posições dos autores que pensavam de maneira diferente e dos autores que se aproximavam das suas ideias, ou seja, era preciso conhecer e respeitar as opiniões para depois emitir as suas próprias reflexões. Esse exercício exigia do mestre uma sabedoria para além do ‘senso comum’, pois não precisava conhecer somente a matéria que professava, mas também a do ‘outro opositor’, porque entendia que o conhecimento era essa apropriação dos saberes convergentes e divergentes. Para fazer essa síntese, indubitavelmente, era necessário saber falar e escrever muito bem, ou como havia afirmado Alcuino em um de seus diálogos com o Imperador Carlos Magno quando define o conceito de retórica: “**K**. Onde encontra a retórica sua denominação? **A**. Apo tu retoreuein, deste verbo grego que significa falar em público. **K**. Qual é sua

finalidade? **A.** Ela tem por fim a ciência de bem dizer. **K.** Versa sobre que assunto? **A.** Sobre questões civis relacionadas à instrução que podem ser concebidas pela força natural do engenho“ (ALCUINO, *Disputatio de rhetorica et de virtutibus sapientissimi regis Karli et Albini magistri*. § 3)³. Esta passagem espelha bem a arte praticada por Tomás de Aquino, pois ele sabia que tinha que ‘bem dizer’; tratava-se de ‘falar em público’ com o objetivo de cuidar das ‘questões civis’ voltadas à instrução.

Outro aspecto que precisa ser salientado acerca da concepção de retórica em Tomás de Aquino é o modo como ele concebe a própria linguagem. Para ele, a linguagem está diretamente associada à condição de humanidade, pois ela encontra-se atrelada à potência intelectual do homem. Para o mestre Tomás é porque o homem possui intelecto que a linguagem é possível, portanto, a retórica vai além da ideia de ser a arte de bem falar. Encontra-se na essência do homem que, por meio dessa condição intelectual, é capaz de existir como tal: “Ora, conhecer as primeiras noções inteligíveis é uma ação própria da espécie humana. Todos os homens devem, pois, ter em comum a potência que é princípio dessa ação, esta é o intelecto agente” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, I^a-II^{ae}, q. 79, a. 5. rep.). Depreende-se dessa passagem que o homem é o único ser capaz de conhecer e, por conseguinte, potencialmente, pode fazer uso da linguagem como parte da sua condição de Ser intelectual.

Sob esta perspectiva, Tomás de Aquino se alinharia à concepção de retórica apresentada na antiguidade, em particular por Aristóteles, pois, segundo Alexandre Junior (2004, p. 24-25) “Quando os antigos dizem que a retórica é a arte de bem falar fazem-no na consciência de que, para se falar bem é necessário pensar bem e de que o pensar bem pressupõe, não só ter ideias e tê-las lógica e esteticamente arrumadas, mas também ter um estilo de vida, um viver em conformidade com o que se crê”. Logo, a retórica seria a forma com que as pessoas que pensam, possuem a razão, expressam a sua existência por meio da linguagem e praticam suas ações cotidianas. A retórica, para os autores antigos, não seria apenas a arte de bem falar, algo técnico, mas a capacidade que os homens teriam de se expressarem bem e de forma harmoniosa suas ideias e convicções, portanto, não é uma questão formal, mas um modo de ser e viver que se expressaria na linguagem

Isso é evidenciado em Aristóteles, na *Retórica*, quando define as três ‘espécies’ da retórica, demonstrando que há sempre uma finalidade do discurso.

As espécies de retórica são três em número; pois outras tantas são as classes de ouvintes dos discursos. Com efeito, o discurso comporta três elementos: o orador, o assunto do que se fala, e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, ao ouvinte.

[...]

pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas. Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteiam façam uma destas coisas. No gênero epidíctico temos tanto o elogio como a censura. Os tempos de cada um destes são: para os que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, quer persuadindo, quer dissuadindo; para o que julga, o passado, pois é sempre sobre actos acontecidos que um acusa e outro defende; para o gênero epidíctico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos actuais, embora também muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o futuro (ARISTÓTELES, 2004, p. 105)⁴.

As três espécies estão vinculadas a um mundo real. Por isso ele principia observando que o discurso só é possível se tivermos esses três aspectos: aquele que fala, o orador, o tema do discurso ou a finalidade do que se discorre e, por fim, o ouvinte. Afinal, só tem razão e lógica o discurso que se dirige a alguém. Depreende-se, ainda, da passagem de Aristóteles, que todo discurso vincula-se a uma temporalidade: o passado, o presente e o futuro. Cada um desses tempos estaria associado a uma finalidade prática da vida. A linguagem do juiz estaria associada a um acontecimento do passado, uma vez que o julgamento da lei sempre versa sobre um fato que já teria ocorrido. O deliberativo, por seu turno, estaria associado ao futuro, pois estabelece-se uma finalidade para algo que viria a acontecer. O epidíctico teria um discurso associado ao presente, porque trataria diretamente de eventos do cotidiano. Ainda que possa mencionar o futuro ou o passado, no discurso, ele sempre se relaciona a um episódio atual. Portanto, os discursos explicitam os papéis daqueles que falam/escrevem e daqueles que ouvem/leem. Logo, todo discurso estaria vinculado às ações dos homens em um dado tempo. Exatamente por isso consideramos que é essa concepção de retórica que se apresenta nos escritos tomasianos.

Assim, Tomás de Aquino não inaugura o zelo e o cuidado com a arte do bem falar, mas segue uma longa tradição acerca do bom uso da linguagem que parte de Platão⁵, Aristóteles, passando por Agostinho (1973)⁶, Alcuino, dentre outros pensadores medievais⁷. Para o mestre Dominicano, o bem falar implicaria a condição de se ter atingido um nível de humanidade que ultrapassaria os sentidos sensíveis: seria a expressão do uso intelectual.

Se aprofundarmos um pouco mais em relação a autores contemporâneos, observamos que a relação entre a linguagem e a condição de humanidade também foi conservada para definir a retórica como a base para o discurso nos dias atuais. Orlandi (1996), por exemplo, afirma que cada tempo histórico tem o seu próprio discurso: “[...] o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos histórico-sociais. [...] já que no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem. Ou seja, o discurso é um objeto histórico-social [...]” (ORLANDI, 1996, p. 17). Sob essa perspectiva, a linguagem, ou melhor, a boa linguagem, é própria e específica de seu tempo histórico. Por conseguinte, se Tomás de Aquino vincula o uso da linguagem ao do intelecto, isso expressaria que o mestre Dominicano, ao apresentar suas reflexões sobre a palavra, estaria evidenciando o modo como os homens do século XIII viviam e pensavam.

Estabelecida essa máxima, a de que a linguagem em Tomás de Aquino é própria dos homens porque possuem o intelecto, usaremos como fonte para desenvolver nossos argumentos o escrito *Comentário sobre a interpretação de Aristóteles* e as Questões 176 – ‘O dom da língua’ e a Questão 177 ‘A graça grátis dada da palavra’, ambas da *Suma Teológica*, da parte II^a-II^{ac}.

Comentário sobre a interpretação de Aristóteles

Nas reflexões que o mestre Tomás tece sobre o *Comentário ...* é visível a sua preocupação em aliar a voz e a escrita como condição de humanidade. No comentário que tece à segunda Lição, de imediato Tomás de Aquino estabelece essa relação.

[...] porque o homem é um animal naturalmente político e social, foi necessário que as concepções do homem fossem dadas a conhecer aos outros, o que se faz pela voz. E, por isso, foi necessário haver vozes significativas, para que os homens convivessem entre si. Por isso, aqueles que são de línguas diversas não podem conviver bem entre si (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 49)⁸.

É, pois, a condição de animal social que faz com que a voz e a escrita sejam fundamentais para que exista a sociedade, uma vez que a vida em sociedade exige dos homens a comunicação, sem a qual não existiria o comum. Exatamente por isso o Mestre destaca o fato de que é muito difícil haver comunicação entre povos que falam línguas diversas porque não ocorreria o diálogo, portanto, os homens não se conheceriam e a comunidade tenderia a não existir. Logo, a voz e a escrita são condições de existência das pessoas.

Mais adiante, neste mesmo comentário à Lição 2 de Aristóteles, Tomás de Aquino observa que:

Ademais, se o homem só usasse o conhecimento sensitivo, que se refere apenas ao aqui e agora, ser-lhe-ia suficiente para conviver com os outros a voz significativa, assim como também os outros animais que manifestam seus conhecimentos entre si por certas vozes. Mas, porque o homem também faz uso do conhecimento intelectual, que abstrai do aqui e agora, segue-se que ele é solícito não só com as coisas presentes segundo o lugar e o tempo, mas também com estas coisas que distam segundo o lugar e são futuras segundo o tempo. Por isso, o uso da escrita foi necessário para que o homem pudesse manifestar seus conhecimentos aos que estão distantes segundo o lugar e para aqueles que virão no tempo futuro (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 49)⁹.

Exatamente por ser um animal político, o homem não vive somente dos seus sentidos, mas fundamentalmente da sua condição intelectual e essa característica faz com que ele seja capaz de produzir o conhecimento. Logo, o surgimento da escrita é resultado desse conhecimento, mas, ao mesmo tempo, essa escrita, por seu turno, também promove o conhecimento e permite que seja divulgado para as pessoas que estejam distantes e, ao mesmo tempo, possibilita que seja conservado para os homens de outro tempo histórico, no futuro, por conseguinte, a escrita é uma forma da voz se expressar.

Essa compreensão da relação entre o intelecto, a voz e a escrita aparece em outro comentário de Tomás de Aquino quando observa que estão dispostas de três modos:

Primeira, na concepção do intelecto. Segunda, na pronúncia da voz. Terceira, na escrita das letras. Portanto, diz: *as coisas que estão na voz etc.*, como se

dissesse os nomes, os verbos e outras coisas consequentes, que enquanto estão na voz, são *sinais* (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 49)¹⁰.

A premissa estabelecida entre estes momentos da linguagem humana é muito relevante porque, primeiro, por meio do intelecto, o homem pensa, ao pensar expõe o seu pensamento por meio da voz para, em seguida, produzir o conhecimento que se explicita na escrita. Enquanto o pensamento está no intelecto, ele é restrito ao ser singular que pensa; quando esse pensamento é externado por meio da voz, torna-se público, na medida em que se tornou ato, saiu do intelecto, independentemente de ser dirigido a muitas ou poucas pessoas. Todavia, quando ele é escrito, isso pressupõe uma complexidade maior do intelecto porque, primeiro, precisou pensar para, em seguida, registrar por meio dos signos (letras) o pensamento. Para Tomás de Aquino, no momento em que uma ideia vem a público, por meio da voz e/ou da escrita é preciso que o registro seja muito bem feito, tanto para que aqueles que ouvem entendam, quanto para que aqueles que leiam, no futuro, possam ser esclarecidos sobre o que foi pensado. Nesse sentido, a comunicação entre os homens ocorre em consonância dessa imbricada junção entre o intelecto, a voz e a escrita. É preciso destacar, ainda, que a voz é natural aos homens, logo é parte do seu Ser, mas a escrita pressupõe, segundo Tomás de Aquino, seguindo as formulações de Aristóteles, uma instituição humana posto que é uma criação social, logo, ainda que oriunda da voz, a escrita é fruto de uma criação humana.

Assim, a voz e a escrita possuem diferenciações específicas porque uma é potencialmente natural e a outra é social, mas ambas são partes intrínsecas do intelecto, o que levou a Aristóteles a observar, segundo o mestre de Aquino, que: “[...] por isso, foi necessário Aristóteles dizer que as vozes significam imediatamente as concepções do intelecto e as coisas por meio dela” (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 49-50)¹¹. De acordo com o comentário de Tomás de Aquino, ainda que a voz seja inerente aos homens, o seu ponto de partida e de chegada também é o intelecto. Logo, quando uma pessoa fala, a sua voz expressa o que está no seu interior intelectual. Daí a necessidade de falar bem, porque a voz torna público o que se acha oculto na alma. Ainda que natural, é parte intelectual. Por isso a pessoa precisa ter zelo com o que diz porque, ao emitir uma palavra, é a parte humana do homem que se torna pública.

Essa voz, segundo o *Comentário ...* de Tomás de Aquino, é fundamental também porque permite precisar as ações do homem no tempo. Na medida em que a voz está em consonância com a vida coletiva dos homens, ela se expressa no modo do verbo, ou seja: presente, pretérito e futuro.

Portanto, porque o nosso conhecimento cai sob a ordem do tempo, ou por si, ou por acidente [...] segue-se que as coisas caem sujeitas ao seu conhecimento sob razão de presente, pretérito e de futuro. E, por isso, ela conhece as coisas presentes como existência em ato e perspectiváveis de algum modo pelo sentido; porém, conhece as coisas pretéritas como recordadas, e não conhece as coisas futuras em si mesmas, porque ainda não são, mas pode conhecê-las em suas causas: ou pela certeza, se elas estão determinadas totalmente em suas causas, de modo que a partir delas ocorrem pela necessidade; ou por conjectura, se não estão determinadas de tal modo a não poderem ser impedidas, como as coisas que são na maioria dos casos; porém, de nenhum modo, se estão totalmente em potência em suas causas, isto é, não

são determinadas mais a uma coisa que a outra, assim como as coisas que são indiferentemente; pois algo não é cognoscível segundo o que está em potência, mas apenas segundo o que está em ato, como é manifesto pelo Filósofo no livro IX da *Metafísica* (TOMÁS DE AQUINO, 2018, p. 169-170)¹².

Como bem observa mestre Tomás, é só o acontecimento em ato que torna possível o conhecimento. Logo, os tempos verbais, presentes na voz, evidenciam a ação real dos homens, portanto, o cotidiano do indivíduo e da sociedade. Desse modo, a percepção da temporalidade presente na voz nos permite observar como os homens se localizam na história, pois, toda pessoa singular, um grande evento histórico, como uma revolução, ou uma sociedade não existem sem que estejam situados entre um passado e um presente e, certamente, com uma expectativa de futuro. Mais, é essa possibilidade de existência no tempo que assegura a história, a ciência e, em última instância, o conhecimento.

Com efeito, o *Comentário ...* de Tomás de Aquino acerca da voz, da escrita e, acima de tudo, da relevância do intelecto na articulação entre elas nos permite afiançar que a retórica é muito mais do que a arte de bem falar, é a vida em ato da pessoa.

O sentido da palavra nas Questões 176 e 177 II^a-II^{ae} da Suma Teológica

Elegemos essas duas questões da *Suma Teológica* por nos permitirem exemplificar, ainda que nos limites do espaço de um artigo, como Tomás de Aquino tratou de questões concernentes aos escritos sagrados por meio de reflexões sobre a palavra. Alertamos, contudo, que não abordaremos todos os artigos dessas questões. Assim, traremos das questões 176, II^a-II^{ae} ‘O dom da língua’ em dois artigos (Art. 1: O que possuíam o dom das línguas falavam todas as línguas?; Art. 2º, O dom das línguas é mais excelente do que a graça da profecia?) 177 II^a-II^{ae} ‘A graça grátis dada da palavra’ (Art. 1 Na palavra há uma graça grátis dada?).

No artigo primeiro da Questão 176, Tomás de Aquino destaca o fato de que o dom do conhecimento das línguas aos apóstolos foi dado por Deus por ser necessário que pregassem a palavra da sagrada escritura para todos os povos que, indubitavelmente, falam línguas distintas.

QUANTO AO 1º, [...] Por isso, tanto Paulo como os outros Apóstolos foram instruídos por Deus nas línguas de todas gentes, segundo o requeria o ensinamento da fé. Quanto a certas particularidades que se adquirem por esforço humano, como beleza e elegância de expressão, o Apóstolo fora instruído na sua própria língua, e não numa língua estrangeira. Assim também, quanto a sabedoria e a ciência, os Apóstolos foram instruídos por Deus tanto quanto requeria o ensinamento da fé, mas não em todas as coisas que se adquirem pelo estudo, como, por exemplo, as conclusões da aritmética ou da geometria (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 557)¹³.

Contudo, a beleza e a elegância da palavra são uma questão humana e, tal como os demais conhecimentos científicos, precisam ser aprendidas pelo estudo, ou seja, é o intelecto humano, mediante o esforço da pessoa para processar essa sabedoria.

Depreende-se desse comentário do mestre Dominicano, mais uma vez, a relevância do intelecto como condição das ações humanas, particularmente, em relação à linguagem.

Ao comparar, no artigo segundo, a linguagem com a profecia, Tomás de Aquino destaca que a segunda é superior à primeira por ser a iluminação divina enquanto as línguas são humanas. Vemos, aqui, mais uma vez a linguagem associada à condição de humanidade.

RESPONDO. O dom de profecia é mais excelente que o dom das línguas de três maneiras: 1º porque o dom das línguas se refere às diversas vozes ou sinais com que se profere uma verdade inteligível; mas estes sinais são certas imagens sensíveis representadas em visão imaginária. [...] Portanto, assim como a iluminação profética é mais excelente que a visão imaginária, assim também a profecia é mais excelente que o dom de línguas considerado em si mesmo.

2º porque o dom de profecia nos dá a conhecer as próprias realidades, o que é mais nobre do que conhecer apenas as palavras, como é o caso do dom das línguas [...]” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 559)¹⁴.

A linguagem seria, para o autor, do mesmo modo que para Aristóteles, a voz ou os signos, com os quais o pensamento fica registrado na escrita e, ambos dependeriam das condições intelectivas. Dito de outro modo, como a linguagem é uma condição do homem, ela depende, diretamente, das condições intelectivas da pessoa sendo, portanto, inferior à profecia que é de natureza divina. Ainda que se trate de uma comparação entre duas atividades praticadas pelo homem, observa-se que em Tomás de Aquino há o cuidado de inserir, no discurso religioso, o lugar que a voz ocupa porque os apóstolos só podem professar por meio da voz. Deriva disso, inclusive, a necessidade de diferenciar as duas naturezas do discurso do homem, questão que aparece na admoestação 4 da resposta ao artigo 2 da Questão 176.

QUANTO AO 4º, deve-se dizer que a interpretação dos discursos se pode reduzir ao dom de profecia na medida em que a mente é iluminada para entender e expor tudo aquilo que for obscuro nos discursos, seja por causa da dificuldade das coisas significadas, seja por causa das palavras desconhecidas que são empregadas, ou ainda das semelhanças de que se faz uso, segundo estas palavras do livro de Daniel: “Ouvi dizer de ti que podes interpretar as coisas obscuras e resolver as intrincadas. Por isso, a interpretação dos discursos é superior ao dom das línguas, como é patente nas palavras do Apóstolo: “ Maior é o que profetiza que o que fala em línguas, a menos que este também interprete”. Não obstante, o Apóstolo coloca a interpretação dos discursos depois do dom das línguas, porque ela se estende também a interpretação dos diversos gêneros de línguas (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 560-561)¹⁵.

Nessa passagem evidencia-se um aspecto relevante do discurso, na acepção de Tomás de Aquino, pois, para além da relevância da profecia, ele chama a atenção para a dificuldade de pregar, de falar, sem ter o pleno domínio do sentido do discurso e das palavras que o compõem. Na verdade, a questão que a citação suscita incide no fato das pessoas falarem sem terem o pleno sentido do que se está falando/discursando. Daí a relevância de se conhecer não somente os signos que compõem uma palavra em uma dada língua, mas também saber interpretar o que está sendo dito. Essa reflexão é bastante importante porque saber professar é conhecer a língua, ter a arte de bem falar e,

acima de tudo, ter a clareza intelectual do que está sendo dito ou ouvido, ou seja, compreender de modo inteligível o que está contido na mensagem profetizada/falada ou escrita.

Na resposta ao artigo primeiro da Questão 177 – ‘A graça grátis dada da palavra’,

Tomás de Aquino explicita, mais uma vez, a relevância de se conhecer as palavras e fazer um uso inteligível delas.

Ora, o conhecimento que alguém recebe de Deus para a utilidade do próximo só poderá servir a esse fim mediante a palavra pronunciada. E, como o Espírito Santo não falta em coisa alguma que é útil para a Igreja, provê também seus membros com o dom da palavra, não só para que eles sejam compreendidos de todos, o que constitui o dom das línguas, mas também para que falem com eficácia, o que constitui o “dom da palavra” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 562)¹⁶.

O ponto de partida da resposta do mestre Tomás é, por princípio, essencial por afirmar que um homem só pode fazer o bem ao outro se possuir a condição de se comunicar, no caso, fazer uso da palavra¹⁷. Todavia, ressalta também que esse conhecimento por meio da palavra se efetiva quando o que se diz promove eficácia sobre o que ouve. É preciso, portanto, saber fazer bem o uso da palavra para que seja compreendido e interpretado¹⁸. Logo, aquele que faz uso da palavra só se torna útil e ensina se possuir a arte de bem falar, se o discurso for inteligível. Somente sob esta condição a palavra pronunciada promove o bem.

Prosseguindo em sua resposta, o mestre dominicano ressalta:

E isto se faz de três maneiras: 1º. Para instruir o intelecto; o que se dá quando alguém fala para “ensinar”. – 2º. Para mover o afeto, de maneira que se faça escutar com gosto a palavra de Deus; o que sucede quando alguém fala tão bem que “deleita” os ouvintes. Mas isto não se deve buscar para a sua própria vantagem, mas para atrair os homens a ouvirem a palavra de Deus. – 3º. Para que os ouvintes amem o que as palavras significam e o queiram realizar o que se sucede quando alguém fala de tal modo que dobre os ouvintes. Para o conseguir, o Espírito Santo serve-se da língua do homem como de um instrumento; mas é ele mesmo quem acaba interiormente a obra. Por isso, diz Gregório: “Se o Espírito Santo não encher os corações dos ouvintes, é em vão que a voz de quem os ensina ressoa aos seus ouvidos (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 562)¹⁹.”

Para que a palavra promova o bem da Igreja e o bem entre os homens é necessário que ela cumpra três funções, segundo o autor. A primeira: é fundamental para quem profetiza e para quem é professor, pois o pregador precisaria ensinar os desígnios divinos e o professor precisaria atingir os seus alunos de modo que, com o seu discurso, composto pelas palavras conhecidas por ele, conseguiria infundir nos seus alunos o conhecimento intelectual. Nessa primeira finalidade da palavra incidiria no papel fundamental das duas funções que Tomás de Aquino exercia na sociedade: o de pregador, como frade dominicano e como professor, na universidade de Sorbonne. Logo, o mestre de Aquino, ao tratar da boa linguagem, ao que estamos considerando

como retórica, está se referindo aos seus locais do discurso, portanto, aos seus papéis sociais, ou seja, ao seu universo cotidiano.

As segunda e a terceira funções da palavra são a afetividade e amor. Esses aspectos são importantes para o discurso, pois as palavras precisam atrair a atenção do ouvinte de modo que consiga ‘prender’ a atenção do outro. Além disso, a pessoa que ouve uma prelação ou uma aula precisa sentir com ‘deleite’ o discurso que está sendo proferido. Por isso, aquele que fala precisa saber falar, saber envolver aquele que escuta, em última instância, requer do professor ou do pregador que as palavras sejam sinceras e expressem, de fato, as ideias que estão no intelecto do orador. Assim, o saber falar é essencial, mas o discurso somente atingirá o fiel ou o estudante se for proferido com sentimento, com sinceridade, se, de fato, expressar as ideias que estão no intelecto do pregador/professor.

Na primeira admoestação do artigo primeiro da Questão 177 – II^a-II^{ae} evidencia-se que os homens podem fazer, ainda que de forma imperfeita, o que Deus faz de forma perfeita: “QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que Deus às vezes faz miraculosamente, e de um modo mais excelente, as coisas que a natureza também pode realizar. Assim, o Espírito Santo faz, pelo dom da palavra, de maneira mais perfeita, o que a arte é capaz de realizar imperfeitamente” (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 563)²⁰. Essa relação está vinculada ao sentido da linguagem que nos apóstolos, por serem iluminados por Deus, professam palavras perfeitas e os homens comuns, os professores, podem, por meio da arte de bem falar, ainda que imperfeitamente, realizam com a palavra, função semelhante à dos apóstolos, proferem discursos.

Ao apresentar a quarta admoestação, o mestre Tomás observa, mais uma vez, a finalidade da palavra.

QUANTO AO 4º, deve-se dizer que o dom da palavra se ordena à utilidade dos outros. Ora, pela palavra da sabedoria ou da ciência é que se comunica a nossa fé aos outros. Eis por quê diz Agostinho: “Saber os meios que a fé emprega para socorrer as almas piedosas e para se defender contra os ímpios, eis o que o Apóstolo parece chamar de ciência”. Por isso, o Apóstolo não tinha que mencionar a palavra da fé, mas bastava que se referisse à da ciência e da sabedoria (TOMÁS DE AQUINO, 2005, p. 563)²¹.

A ideia do homem como um animal político permanece nessa passagem, pois mestre Tomás afirma que a razão da palavra é ser ‘útil’ aos outros, ou seja, a linguagem só tem finalidade como uma atividade coletiva. Essa passagem nos permite retomar as reflexões que o autor tece no *Comentário* ... quando estabelece um princípio de que os homens são seres singulares, enquanto possuidores de um intelecto particular. No entanto, as suas ações sempre são sociais porque todo e qualquer ato do ser singular atinge a todos de sua comunidade/sociedade. Isso não é diferente em relação à palavra, pois toda voz, falada ou escrita, vincula-se ao conjunto dos homens em um dado tempo histórico. Exatamente por isso a palavra humana pode transmitir ciência e sabedoria, do mesmo modo que as palavras dos apóstolos proferem palavras sagradas para espargir as ideias da fé e de Deus.

Consideração Finais

Em tempos sombrios como os que vivemos hoje, no qual a palavra não está comprometida com a forma com que as pessoas veem e pensam, muito pelo contrário, o que se diz pela manhã pode, perfeitamente, ser desdito à tarde, inclusive por líderes governamentais, fica difícil entender a associação que Tomás de Aquino faz entre intelecto e palavra, mas, exatamente porque, a nosso ver, há um abandono dessa união entre intelecto e linguagem que se torna premente retomar a questão da relevância do bem falar como a condição do ser homem intelectual no século XIII.

Assim, nas reflexões que tecemos neste artigo sobre as considerações do mestre Dominicano acerca da retórica, por meio do *Comentário ao sobre a interpretação de Aristóteles* e das duas Questões da *Suma Teológica*, tivemos como motor a preocupação de evidenciar que a retórica está intrinsecamente vinculada à existência social do homem. Não se trata, portanto, como afirmamos no início do texto, de analisar a retórica como a arte de bem falar, mas, antes de tudo, de pensar a palavra, a linguagem, por conseguinte, o discurso como expressão da natureza do SER homem porque é ela que permite que às pessoas se comuniquem, por conseguinte, existam.

Outro aspecto que não poderíamos deixar de mencionar incide no fato de que, ao tratar do uso da palavra, as formulações de Tomás de Aquino explicitam a forma de ser do ensino, filosofia e método, pois, ao mesmo tempo que se norteia por referências do Evangelho, o mestre Tomás segue as pegadas de Aristóteles, evidenciando, assim, que os intelectuais no medievo basearam-se nessas duas naturezas de conhecimento para criar uma nova forma de pensar e explicar o homem que se caracterizou como a filosofia escolástica. Essa forma de conceber, teoricamente, a pessoa, a sociedade, Deus e a natureza, considerava a erudição e o respeito às diferenças de ideias como o ponto central para se compreender e explicar as questões humanas e religiosas.

Precisamos considerar também como característica essencial das formulações do mestre Tomás de Aquino sobre a voz, a palavra e a linguagem que só podem ser compreendidas se vinculadas ao fato de o homem possuir intelecto. Seguindo os princípios adotados por Aristóteles, o mestre Dominicano assevera que a palavra só tem sentido se expressar, de fato, o que a pessoa é, ou seja, a linguagem deve expressar as ações daquele que a emite.

É preciso retomar outro aspecto trazido por Tomás de Aquino em relação à linguagem e que consideramos essencial nos dias atuais. Esse aspecto incide na ideia de que a pessoa que fala necessita ter consciência de que a palavra só deve ser usada quando trazer benefício ao outro, ao que o autor define como utilidade da linguagem. Nessa mesma linha da utilidade da palavra, o mestre Dominicano assevera que aquele que faz uso da palavra deve ter responsabilidade com a pessoa que o ouve, pois precisa falar de forma clara, objetiva e bela, de modo que aquele que recebe seu discurso possa e consiga interpretá-lo. Logo, o uso da linguagem pressupõe o uso do intelecto, conhecimento da gramática e da língua para bem se expressar, e, acima de tudo, consciência de que faz parte de um todo social no qual as suas palavras, por conseguinte, seus atos, sejam pensados em relação a vida em comum.

Referências

- AGOSTINHO DE HIPONA. **De Magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 319-356.
- ALCUINO. **Disputatio de rhetorica et de virtutibus sapientissimi regis karli et albini magistri**. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/alcuin/rhetorica.shtml> Acesso em: 14 mai. 2020.
- ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Prefácio e Introdução. In ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. p. 14-64
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- GILSON, E. **Filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GRABMANN, M. **Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de alfabetismo funcional**. Resultados preliminares. Instituto Paulo Montenegro, 2018, p. 4-22. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf Acesso em: 14 mai. 2020.
- LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, 2vs.
- LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MEGALE, Maria Helena Damasceno e Silva. Uma recordação da retórica no Fedro de Platão ou a força de resposta do discurso juspolítico inspirado na ideia de justiça. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 98, 2008, p. 337-360.
- OLIVEIRA, T. Instituição e pensamento: a universidade e a escolástica. In: Lupi, J.; Dal Ri Jr, A. (Org.). **Humanismo Medieval: caminhos e descaminhos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 363-373.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.
- TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao sobre a interpretação de Aristóteles**. Campinas: Vide Editorial, 2018.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2002.
- TORREL, J. P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Loyola: 2004.

¹ Doutora em História. Docente da UEM - Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – 1C. Diretora da Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem). Coordenadora Científica das revistas *Acta Scientiarum Education* e *Imagens da Educação*.

- ² TOMÁS DE AQUINO, *Comentário sobre a interpretação de Aristóteles*, L. IX, c. 6, § 6.
- ³ “**K.** Unde dicta est rhetorica? **A.** Apo tou retoreuein, id est copia locutionis. **K.** Ad quem finem spectat? **A.** Ad bene dicendi scientiam. **K.** In quibus versatur rebus? **A.** In civilibus, id est doctis quaestionibus, quae naturali animi ingenio concipi possunt”.
- ⁴ ARISTÓTELES, *Retórica*, § 1358b.
- ⁵ Segundo Megale, um dos primeiros registros sobre a arte de bem falar estaria em escritos de Platão e menciona como exemplo *Fedro*. “Fedro é o diálogo que traz os temas fundamentais da filosofia platônica, no qual se revela a feliz ligação entre Eros e logos, que faz da retórica expressão artística capaz de desnudar o ser para possibilitar a verdade” (MEGALE, 2008, p. 337).
- ⁶ Em *De Magistro*, no diálogo que trava com Adeodato, evidencia-se a finalidade da linguagem: “AGOSTINHO: - Que te parece que pretendemos fazer quando falamos? ADEODATO: -Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender AGOSTINHO -Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender? ADEODATO -Mas, então, de que maneira pensas que se possa aprender, senão perguntando? AGOSTINHO -Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, diz-me, interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que queres àquele a quem perguntas? ADEODATO -Dizes a verdade AGOSTINHO -Vês portanto que com falar não nos propomos senão o ensinar”. (AGOSTINHO, [De Magistro, c.I §1] 1973, p. 323).
- ⁷ De acordo com Le Goff (1995, p. 94), a ética foi “[...] o fundamento da pedagogia medieval é o estudo das palavras e da linguagem, o trivium. [...] Pelo menos até o fim do século XII, a base de todo o ensino foi a gramática. Por ela se chegava a todas as outras ciências, designadamente à ética”.
- ⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário...* L. 2, c. 1 §2.
- ⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário...* L. 2, c. 1 § 2.
- ¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário...* L. 2, c. 1 § 4.
- ¹¹ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário...* L. 2, c. 1 § 5.
- ¹² TOMÁS DE AQUINO, *Comentário ...*L. 14, c. 9, § 19.
- ¹³ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 176, a. 1, adm. 1.
- ¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 176, a. 2, resp.
- ¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 176, a. 2, adm. 4.
- ¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 177, a. 1, resp.
- ¹⁷ Refletir sobre essa passagem de Tomás de Aquino, nesse momento em que estamos vivendo uma pandemia sem precedentes, é algo bastante singular para a sociedade, pois a comunicação entre as pessoas é condição da existência de cada um de nós, como sujeito singular. Tomo como exemplo a criação das máscaras transparentes para as pessoas que precisam fazer a leitura labial para poder compreender o que está sendo dito pelo outro. De fato, não é possível ser útil ao outro sem que existir o diálogo. O outro sempre precisa entender o que o que se está sendo dito, do contrário a palavra é inócua, trata-se somente de som.
- ¹⁸ Essa discussão trazida por mestre Tomás permite-nos estabelecer uma aproximação sobre um dos problemas mais relevantes da educação brasileira hoje, que é o problema do analfabetismo funcional. “Indivíduos classificados nesses dois níveis de Alfabetismo compõem um grupo denominado pelo Inaf como Analfabetos Funcionais. Os Analfabetos Funcionais – equivalentes, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros [29% - o que equivalente a 38 milhões de pessoas] – têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas” (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 8).
- ¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 177, a. 1, resp.
- ²⁰ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 177, a. 1, adm.1.
- ²¹ TOMÁS DE AQUINO, *ST. II^a-II^{ae}*, q. 177, a. 1, adm. 4.